

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO MÉDIO

*(AFFECTIVITY IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN THE FINAL
GRADES OF HIGH SCHOOL)*

Angela Maria Sousa ¹
Dayana Jamille Oliveira ²
Rosilene Pereira Sousa ³
João Carlos Rodrigues da Silva ⁴

RESUMO

Esta pesquisa tem como eixo principal de estudo a afetividade na relação professor-aluno nas séries finais do ensino médio. Tem-se, como objetivo principal, pesquisar a necessidade de haver afetividade no ensino médio. Para isto foram feitos levantamentos bibliográficos com base em alguns autores. O instrumento de coleta de dados utilizados foi uma entrevista semiestruturada com uma psicóloga, uma coordenadora e um professor do ensino médio da rede privada de Fortaleza. A pesquisa se classifica como qualitativa e quantitativa do tipo exploratória e explicativa. Através desta pesquisa, busca-se observar o trabalho do pedagogo dentro e fora de sala de aula e as suas contribuições para colocar em prática a afetividade no âmbito escolar.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino Médio. Pedagogo.

ABSTRACT

This research has as its main axis of studying the affectivity in the teacher-student relationship in the final grades of high school. The main objective is to research the need for affectivity in high school. For this, bibliographic surveys were carried out based on some authors. The data collection instrument used was a semi-structured interview with a psychologist, a coordinator and a high school teacher from the private School of Fortaleza. The research is classified as qualitative and quantitative, exploratory and explanatory. Through this research, we seek to observe the pedagogue's work inside and outside the classroom and its contributions to put into practice affectivity in the school environment.

Keywords: Affection. Middle school. Pedagogue.

¹ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: angela83_@hotmail.com

² Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: jamilledayana@gmail.com

³ Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu. E-mail: rosipereira501@gmail.com

⁴ Professor do Centro Universitário Ateneu. Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. E-mail: profjocarlos@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa compreender o papel de afetividade na relação professor-aluno nas séries finais do ensino médio e analisar a necessidade de desenvolver tal relação com os alunos, para que haja um bom momento de aprendizado dentro e fora de sala de aula. O referido artigo apresenta tópicos relevantes dentro da realidade educacional, tendo como amostra de estudo as observações adquiridas ao longo dessa pesquisa. O aprofundamento deste assunto é importante para se estabelecer práticas e adquirir experiências acerca deste. Fazendo-se do artigo uma prática indispensável para quem quer ser um profissional.

Compreende-se que o objetivo do professor na área escolar é formar futuros cidadãos para que possam expressar opiniões e participar do meio social. Na escola, há um ponto que possivelmente seja positivo e fortaleça esse vínculo de convivência entre professor-aluno em sala: a afetividade. Por meio desta, certamente há de criar gradativamente uma ligação de harmonia e aprendizado, fazendo-se da sala de aula um local diferenciado e prazeroso. Sabe-se que o educador é a chave importante para que haja esse processo de transição qualitativo entre todos(as).

A interação entre professor e aluno tem grande influência para o aprendizado do discente. Sendo assim, a relação entre eles é relevante em todo o processo educativo, pois o aluno precisa de empatia na fase escolar para que ele possa usar isso em toda sua vida.

Percebendo essa importância, a temática se justifica na medida em que pretendemos compreender a relação afetiva ou falta dela, entre o aluno e professor no processo de educação e aprendizagem. É relevante mostrar o quão importante é ter afetividade no ensino médio na mesma forma e intensidade que se tem na educação infantil.

A afetividade está presente em todos os âmbitos de nossas vidas e também atua no processo do crescimento cognitivo do ser humano, com base nisso buscamos compreender: Há afetividade na relação professor-aluno no ensino médio? Quando o afeto é trabalhado de forma conjunta, o docente busca compreender o aluno através de suas manifestações e passa a ter um olhar mais atento, assim estabelecendo laços mais afetivos, para que o aluno sintam-se mais protegido e confiante no ambiente escolar, fazendo com que haja interesse nos conteúdos abordados e crie o vínculo de gostar do professor, dos colegas e da sala de aula.

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo geral: Investigar a necessidade de se ter uma relação afetiva entre professor e aluno. Com o propósito de se chegar nesse objetivo, elenca-se os seguintes objetivos específicos: Definir a questão da afetividade e sua função no processo ensino-aprendizagem; Identificar a participação do professor no desenvolvimento da afetividade na relação professor-aluno; Analisar os problemas desenvolvidos nos alunos pela falta da afetividade dentro de sala de aula.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Consideramos que, apesar de encontrarmos resistência na valorização da afetividade no ambiente escolar e na sala de aula, sabemos que a mesma está presente na vida do ser humano, seja na fase inicial ou final. Porém, muitas escolas e professores ainda privilegiam fortemente o método tradicional, no qual o aluno é convidado a ficar imóvel em uma carteira, tornando-se um expectador do processo ensino-aprendizagem, havendo assim a falta da afetividade por conta da pressão, da falta de empatia por parte do professor e, às vezes, por parte do aluno, a falta de cuidado em certos momentos necessários e a necessidade de só aplicar conteúdo.

Na sala da aula é importante existir afetividade, porque ajuda o professor a ter zelo em colocações, principalmente em suas atitudes. Quando o professor inclui a afetividade no processo de ensino-aprendizagem, irá causar consequências positivas ou negativas em seu aluno e na formação de sua personalidade no ensino médio. O estudante, nesse período, está na fase da adolescência e, como sabemos, nessa fase está edificando sua personalidade. Nos dias atuais, as escolas e seu corpo docentes se mostram um tanto ineficientes ao enfrentar momentos que envolvam emoções no cotidiano escolar. O educador precisa estar apto a lidar com as adversidades em sala de aula, pois ele auxilia na formação do aluno como cidadão.

Já para a Base Nacional Comum Curricular BNCC (2017), a afetividade na educação está interligado em compreender o conceito de competências socioemocionais que envolve o estudo das emoções. As competências socioemocionais devem ser o foco de qualquer proposta curricular que venha a ser delineada a partir da BNCC.

Segundo Casel⁵, a educação socioemocional refere-se ao processo de entendimento e manejo das emoções, com empatia e pela tomada de decisão responsável. Elas irão contribuir no desenvolvimento do indivíduo em diferentes aspectos de suas vidas, como social, emocional, acadêmico e profissional ao longo da vida.

A escola, por sua vez, tem que oferecer ambiente favorável para que o adolescente entenda e desenvolva segurança, amor e confiança em si mesmo, por esse motivo se faz imprescindível estabelecer uma conexão empática entre professor e aluno. O posicionamento atento ao que está ocorrendo em seu ambiente escolar ocasiona bom rendimento além de uma boa relação interpessoal entre o educador e o educando. De acordo com Saltini, a serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, fazem parte da paz que a criança necessita.

Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de nós mesmos, tanto do educador quanto da criança. (SALTINI, 1997, p.91).

De acordo com Chalita (2001), a habilidade emocional é o grande pilar da educação, não sendo possível desenvolver habilidades cognitivas e sociais sem trabalhar emoção, o que exige muita paciência, pois se trata de um processo continuado cujas mudanças não ocorrem de uma hora para outra.

2.1 O que é afetividade

A capacidade de experimentar uma coleção de sentimentos estimulantes, como emoções, desejos e tendências, é chamada de afetividade. Ela é descrita como a força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo, sendo importante no processo de aprendizagem humana, pois está presente em todos os aspectos da vida,

⁵ Ajuda a cultivar habilidades e ambientes que promovem o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos. Aprendizagem acadêmica, social e emocional, imaginamos todas as crianças e adultos como aprendizes autoconscientes, atenciosos, responsáveis, engajados e ao longo da vida que trabalham juntos para alcançar seus objetivos e criar um mundo mais inclusivo e justo.

influenciando profundamente o crescimento cognitivo, pois a aprendizagem ocorre pela via afetiva.

A afetividade capacita o ser humano a expressar seus sentimentos em relação a outras pessoas e coisas. As pessoas podem formar laços de amizade entre si e até com animais irracionais graças à afetividade, pois os animais podem demonstrar afetividade uns com os outros e com os humanos. Arriba (2006 *apud* KIECKHOEFEL, 2011) afirma que a afetividade refere-se, portanto, ao fato de que, em todas as situações vitais conscientes, o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele.

Compreendemos de forma preliminar que é possível que a relação entre alunos e professores possa influenciar para a melhoria de atitudes positivas em relação aos conteúdos expostos em sala de aula, sendo que na maioria das vezes os alunos demonstram maior interesse nas aulas ministradas por professores que mantêm uma relação amistosa com os mesmos.

No artigo de Ribeiro (2010), um estudante de matemática dá o seguinte depoimento:

Quando eu não gosto do professor, ele não me incentiva nem um pouco a estudar, eu só estudo para passar, infelizmente, eu sou assim. Agora, quando é um professor que dá espaço, que incentiva, que não é diferente com o aluno, é igual com o aluno, o aluno estuda além do que é pra estudar, comigo é assim. Um professor que gostava muito, eu corria atrás, estudava, fazia pergunta. (RIBEIRO, 2010, p. 404).

Seguindo esta afirmação, entendemos que a maneira como os professores se relacionam com os alunos influencia na aprendizagem. Se o pedagogo tenta motivar o aluno pelo lado da afetividade, ele terá grandes resultados, pois é de extrema importância que ambos sejam parceiros para que ambos tenham resultados positivos, fazendo com que o professor utilize esses resultados como reflexão sobre a sua prática em sala de aula.

A afetividade, defendida por Wallon, é algo que abrange o externo, o social, que muito tem a contribuir para o desenvolvimento do ser humano.

Mesmo no caso em que o professor afirma manter com seus alunos uma relação caracterizada como “afetuosa”, há uma fragilidade na noção de afeto. Isto porque, apenas manifestações que envolvem contato físico são consideradas afetivas, desconsiderando-se as

necessidades de um afeto mais cognitivo [...] geralmente revela-se afeto através do que poderíamos chamar de “lambe-lambe”, limitando as expressões de carinho ao beijo e ao abraço. [...] Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. (ALMEIDA, 1999, p.107).

Nessa linha de pensamento, podemos compreender que a afetividade não está ligada ao abraçar ou beijar, mas sim ao respeito e à demonstração de interesse vindos por parte do professor, pois o aluno enxerga o professor com outros olhos a partir das atitudes que o educador tende a demonstrar pelo mesmo.

Em suma, os professores como os alunos expressam o desejo de relações interpessoais, sendo que professores e alunos não estão totalmente protegidos pelos sentimentos provocados por situações externas à sala de aula e à escola.

2.2 Empatia no âmbito escolar

A empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, de entender as necessidades do outro e de sentir por elas e não apenas com elas. Este termo é já bem conhecido, mas é fundamental que se torne parte da nossa cultura, algo que usamos diariamente, em todos os momentos e em todos os lugares. Vemos a necessidade de ter empatia em qualquer momento de nossas vidas porque precisamos entender que somos todos diferentes, pensamos de maneira diferente e aprendemos de maneiras diferentes. No entanto, não precisamos ficar dentro de uma bolha, acreditando que não há mais nada ao nosso redor, mas sim valorizar e respeitar as diferenças de cada um, bem como entender e se adaptar aos pontos de vista de cada um.

Com isso, já é visível a necessidade da presença da empatia no ato de ensinar, porque um professor empático pode proporcionar um grande apoio aos seus alunos. Segundo Pontes (2013), a interação efetiva entre professor e aluno pode propiciar a motivação para instigar a curiosidade dos alunos e melhorar o seu desempenho no processo de aprender e a presença do fenômeno da empatia possivelmente pode contribuir para o sucesso desse procedimento. A autora destaca ainda que a empatia, considerada uma competência emocional fundamental para reconhecer as emoções que outra pessoa possa sentir, ainda é responsável por ajudar os outros a expressarem suas emoções.

Desse modo, o professor tem o dever, papel fundamental, de ser empático para com o aluno, pois isso o ajuda a expressar e a compreender as emoções suscetíveis de alterar o processo de aprendizado.

Outro hábito que demonstra a falta de empatia na sala de aula é quando o professor utiliza as expressões como: “é óbvio que”, “é evidente que”, “é claro que”, ou ainda: “isso é trivial”. Demonstra a falta de consideração com o outro que ouve. O aluno pode não saber daquilo e se sentir inferior e/ou inútil por não saber daquilo que seja “óbvio”. A respeito da postura do professor em sala de aula, Brolezzi afirma:

E a postura dos professores, que pretendem realmente ensinar algo, não precisa ser muito performática para dar certo. Basta, em geral, colocar-se diante dos alunos de mente aberta e deixar-se conhecer por eles. Às vezes, eles precisam mais conhecer você do que você precisa conhecê-los. (BROLEZZI, 2014, p.15).

Infelizmente não é todo ser humano que desenvolve essa habilidade de se pôr no lugar do outro. E a falta de empatia na sala de aula, vinda de ambas as partes, pode causar diversos problemas emocionais até mesmo no ato de aprender do aluno, porque Goleman considera que:

[...] a incapacidade de notar e compreender o sentimento de outra pessoa evidencia déficit de inteligência emocional, além de uma trágica falha no que significa ser um ser humano, pois todo o relacionamento, raiz do envolvimento, vem da sintonia emocional, da capacidade empática. (GOLEMAN, 1995, *apud* PONTES, 2013, p. 55)

2.3 A importância do ensinar para o desenvolvimento do aluno

O professor, como se sabe, é o responsável em conduzir seus alunos a mergulhar em diferentes possibilidades interativas. Com isso, entende-se que o educador tem que escolher diversos modos de ensinar, pois sabe que os métodos apenas se tornam eficazes quando o aluno entra na mesma linha de raciocínio.

Porém, o professor não pode se tornar um ser individualista, que quer moldar o aluno de acordo com seus pensamentos e ideais. Uma crítica de Buber (1988, *apud* TUNES *et al*, 2005, p. 693) à visão moderna de educação diz respeito ao caráter e propósito da liberdade individual. Para ele, a educação moderna comete um equívoco e estabelece uma confusão quando escraviza a liberdade responsável, moralmente orientada, à liberdade de autodesenvolvimento e crescimento.

Diante disso, o ato de ensinar é um eterno diálogo entre professor e aluno, compactuando de uma confiança mútua, promovendo métodos reflexivos, críticos e disciplinados para com o aluno.

Por fim, Souza *et al* (2016) defendem que se:

[...] faz necessário pautar e defender o aprendizado organizado de forma adequada resultando em um desenvolvimento consciente e crítico, onde o aluno perceba e se aproprie dos conhecimentos ali desenvolvidos, hoje se pede um ensino construtivista, pois as crianças precisam ser reconhecidas como sujeitos do conhecimento, e suas interações ao ambiente ao qual estão inseridas. Então, se faz necessário, uma coerência entre as finalidades educativas, os objetivos e o planejamento, associando processo de ensino à aprendizagem. (SOUZA et al. 2016, p.3)

Nota-se, então, que os autores citados percebem a importância de organizar e planejar antes de ensinar. O planejamento é algo que ajuda ambas as partes na questão de conquistar os objetivos, possibilitando uma avaliação coerente. Sendo assim, o educador é um estrategista, capaz de facilitar a mediação entre o conhecimento espontâneo do aluno e o conhecimento científico.

2.4 O processo de ensino-aprendizagem no ensino médio

O ser humano, desde os primórdios, necessita do aprender. É algo histórico e sem este ato não estaríamos na situação tecnológica em que nos encontramos. A aprendizagem é algo complexo, porque depende de vários fatores internos e externos do indivíduo. Está ligada a meios sociais, políticos e emocionais e vai depender de pessoa para pessoa a habilidade de facilitar a aprendizagem.

Segundo Monereo (2005):

Podemos aprender a aprender, isto é, pôr em funcionamento estratégias para adquirir conhecimentos, graças à interação com outros agentes sociais (pais, irmãos) e educativos (professores), que nos emprestam suas estratégias mediante a manifestação das decisões que tomam, quando aprendem e nos permitem praticá-las e interiorizá-las. (MONEREO 2005, *apud* SANTOS, 2011, p. 288).

Frente a estas afirmações, podemos perceber que a aprendizagem depende, não totalmente, do externo ao indivíduo, incluindo o professor. O ambiente é algo que influencia muito no processo de aprendizagem, por isso vê-se a necessidade de um

ambiente escolar facilitador.

Além disso, não apenas fatores externos influenciam nesse processo, mas também internos, conforme esclarece Silva:

Caminhando pelos fatores internos e externos, falando de cognição, vínculos, relação com afetivo/emocional, cultural, social, interpessoal, torna-se necessário falar, também, da importância da interdisciplinaridade para a educação, para a aprendizagem, para o ato de aprender. (SILVA, 2018, p.115)

Nessa linha de pensamento, em que o sujeito cognoscente, social, psicológico, subjetivo faz a sua história, vive-se um processo histórico, no qual não podemos perder de vista a importância da interação pessoa/pessoa, pessoa/sociedade, pessoa/cultura. Por essa razão, não podemos também, desfocar das questões vinculares; o bom vínculo precisa ser estabelecido entre pessoa/pessoa, pessoa/grupo.

Segundo Natel (2013, *apud* BENDER, 2003, p.145), a identificação dos estilos de aprendizagem

“permite planificar e aplicar estratégias de ensino centradas no aluno e proporciona orientações para a individualização do ensino e, quando se conhece e se respeita os diferentes estilos dos alunos e o ato de ensinar é adaptado a esse fato, os alunos podem atingir níveis positivos de aprendizagem”. (NATEL, 2013, *apud* BENDER, 2003, p.145),

Seguindo esta afirmação, entendemos que o professor tem que adaptar seu ensino para as diversas maneiras de compreensão de seus alunos, entendendo que todos têm seu tempo e modo de aprendizagem. Quando atingido esse entendimento, ambos saem ganhando.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado com abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar o tema no contexto de um estudo de campo específico. Além disso, nosso trabalho inclui uma análise descritiva e exploratória dos dados, através de observações que servem como o principal instrumento da coleta de dados. Buscou-se uma aproximação com as práticas e posturas dos temas da pesquisa em relação às ações sobre a

problemática. É importante pontuar que nosso trabalho, quanto ao processo de aquisição de dados, foi realizado de forma presencial respeitando todos os protocolos de segurança, devido ao momento de pandemia em que estávamos passando.

As práticas e atitudes dos sujeitos da pesquisa em relação às ações sobre o tema da importância da afetividade em uma instituição de ensino específico, resultou em um estudo de campo.

Como resultado, preferimos utilizar questionários e realizamos entrevistas presenciais conforme o núcleo gestor e corpo docente da instituição de ensino autorizava.

3.1 Tipo de pesquisa

Essa pesquisa, de acordo com seu objetivo, se classifica como exploratória. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória se materializa quando a pesquisa se encontra na fase preliminar e tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento.

Com isto, evidenciamos que delimitamos o tema, fixamos objetivos, formulamos hipóteses, fizemos levantamento bibliográficos, procuramos entrevistar pessoas que tiveram problemas práticos relativos ao nosso problema e analisamos exemplos que ajudam na compreensão do tema.

Também recorremos a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é aprimorar e atualizar o conhecimento por meio da realização de uma investigação científica de trabalhos publicados anteriormente. A respeito desse tipo de pesquisa Andrade afirma que:

É habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Frente a estas afirmações, acrescentamos que devemos sempre nos atentar a confiabilidade quando os dados são coletados da internet, em nosso caso, procuramos sempre por sites confiáveis recomendados por professores de nossa instituição. Além disso, fizemos fichamentos para facilitar a organização das informações.

Ainda no ponto de vista técnico, a pesquisa se valeu de recursos próprios da pesquisa de campo, ou seja, coletamos dados a partir da observação dos fatos e fenômenos afetos à pesquisa.

Para Amendoeira (1999), na observação participante, o investigador é o principal instrumento da investigação, sendo uma clara vantagem, dada a possibilidade de estar disponível para colher dados ricos e pormenorizados, através da observação de contextos naturais e nos quais é possível ter acesso aos conceitos que são usados no dia-a-dia, por se conhecer a linguagem dos intervenientes. Queremos discutir as descobertas de nossa experiência com esse método, pois ele provou ser uma ferramenta importante na coleta de dados para o estudo em que estamos realizando. Acreditamos que a experiência adquirida com a utilização da observação de forma sistêmica nos trouxe resultados expansivo que nos levou de forma mais abrangente o que cada participante queria transmitir a nós, pesquisadores.

A observação como técnica requer treinamento disciplinado, preparação cuidadosa e a combinação de certos atributos essenciais para o observador-investigador, como atenção, sensibilidade e paciência.

3.2 Local e participantes da pesquisa

O foco do estudo foi uma escola da rede privada do bairro Messejana, em Fortaleza, sendo uma escola que atua do Ensino Infantil ao Ensino Médio. Um dos principais motivos para a escolha desse local foi a disponibilidade do Ensino Médio, pois todos sabemos o quanto a afetividade é importante nos anos finais. Os participantes que aceitaram participar do estudo foram: um professor, uma psicóloga e um coordenador do ensino médio.

De acordo com a direção da escola, a escolha foi baseada no trabalho com os adolescentes do Ensino Médio, que se enquadra nas características de pessoas afetivas, segundo o corpo docente.

A faixa etária dos alunos é a correta para cada série em que estudam, ou seja, 1º ano devem ser alunos de 15 anos, 2º ano alunos de 16 anos e 3º ano serão alunos com 17 anos.

3.3 Coleta dos dados

O método de coleta da pesquisa se deu a partir da análise do plano político pedagógico da escola e de um questionário aberto, no qual representantes do corpo docente da instituição “coordenadora, psicóloga e professor” relataram seus posicionamentos sobre a problemática.

O questionário é constituído por perguntas relacionadas à falta da afetividade no ensino médio. De modo geral, as perguntas centram-se em causas, papel da escola e em possíveis medidas que a escola vem tomando para combater o problema dentro da instituição de ensino.

3.4 Aspectos Éticos

Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explica os riscos e deixa clara as consequências em relação aos dados coletados no estudo. Seguindo os protocolos de segurança do COVID-19, a entrevista foi realizada em ambiente totalmente visível, incluindo os parâmetros de distanciamento. Estavam presentes na pesquisa os participantes e os pesquisadores, foram planejadas perguntas de clareza e objetividade, para que não fossem gerados incômodos ou qualquer tipo de constrangimento aos participantes, fazendo com que eles se sentissem à vontade para responder às perguntas. Em relação aos resultados, são esperados dados positivos sobre a afetividade na prática pedagógica e suas relações com o aprendizado nas séries finais, pois é algo importante para o desenvolvimento do educando no ensino aprendizagem.

Participantes e pesquisadores estiveram presentes no estudo e foram informados de que poderiam desistir se não se sentissem compelidos a responder às perguntas. Em relação a informações repassadas dos nossos participantes, são esperados achados positivos sobre a acuidade pedagógica e suas conexões com o ensino médio, pois este é um fator essencial no desenvolvimento do indivíduo no ambiente escolar e na sociedade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Uma entrevista, com perguntas semiestruturada, foi utilizada como instrumento de coleta de dados, pois "Colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu livre discurso" utilizando esse tipo de entrevista (SEVERINO, 2007, p.125). A entrevista realizada permitiu que tivéssemos um diálogo mais aberto com os entrevistados, e pudemos analisar um pouco da sua realidade vivida a partir das perguntas que nos foram realizadas. Nossa entrevista foi realizada presencialmente, de acordo com todos os protocolos de segurança em relação ao COVID-19. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário, a psicóloga solicitou agendamentos com data e horário determinados. Nosso questionário foi composto por cinco questões abertas (para a coordenadora, psicóloga e professor) do ensino médio que correspondem aos objetivos gerais e específicos. Como três pesquisadores compromissados, eles estiveram presentes para as entrevistas. A entrevista aconteceu na escola em dias alternados: com a coordenadora e com a psicóloga, conseguimos realizar no dia 21 de março de 2022, no período da manhã; e com o professor no dia 23 de março de 2022, no período da tarde.

Nossa primeira entrevistada foi a coordenadora do ensino médio. Ela tem aproximadamente 50 anos, o que achamos mais interessante foi que ela se sentiu à vontade de responder nossas perguntas. Ela é formada em Pedagogia há mais de 05 anos e está no cargo de coordenadora há mais de 03 anos nessa escola. Pelo que observamos na entrevista, ela sempre busca trazer a afetividade em seu cotidiano.

A segunda entrevistada foi a psicóloga que tem aproximadamente 40 anos e é formada em Psicologia há mais de 10 anos. Ela procura acompanhar todas as modalidades de ensino oferecidas pela instituição de forma pacífica e harmoniosa. Finalizando nosso questionário, conseguimos também conversar com o professor, que é formado há mais de 25 anos, tanto em instituição privada como pública, e especificamente nessa instituição ensina há mais de 10 anos.

Na primeira pergunta foi questionado sobre a importância da afetividade em ambos os cargos (coordenadora, psicóloga e professor) sobre o aluno. A Coordenadora respondeu que:

Independente da idade e da modalidade de ensino, a afetividade é contida na rotina do educando porque alguns alunos já vem de casa

sem ter aquele momento com os pais, então ao chegar na escola procuro proporcionar momentos afetuosos. Através disso, se trabalha o humanismo dentro da escola e isso melhora o crescimento do aluno como pessoa, o seu aprendizado, na convivência de ambiente, para o educando poder está sentindo a confiança tanto nos professores como na escola, então a afetividade é importantíssima e não pode faltar.

Já a psicóloga nos afirma que:

Como psicóloga dentro da escola nessa questão da afetividade ela é muito importante e indispensável dentro do cotidiano escolar. Na educação, na sala de aula, muitas vezes um aluno sai de sala chorando porque quer colocar pra fora o que está reprimido.

E o professor ressalta:

Ela é muito importante, eu penso que na educação hoje se tem uma clareza maior disso, de que a afetividade ela é importantíssima e o professor não é apenas uma máquina de dar aula, ainda mais nesse tempo de pós pandemia o aprendizado ele se dar de outra maneira quando o aluno tem um suporte afetivo eu sinto isso.

Observa-se que todos os entrevistados têm o mesmo ponto de vista de que a afetividade é essencial em todo o ambiente escolar. Na maioria das vezes, o aluno não recebe o afeto no ambiente familiar e espera recebê-lo no ambiente escolar, por isso que a relação afetiva precisa ser trabalhada desde a entrada da escola à saída. A afetividade precisa ser trabalhada em conjunto com todo o corpo docente, trazendo assim como características do seu uso, uma relação de confiança entre todo o conjunto. Para Piaget (1976, p.46), o afeto, além de ser um ingrediente primordial, age no funcionamento da inteligência, pois, segundo ele, “[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com meio pressupõe ao mesmo tempo estrutura e vaporização”. Portanto, o afeto se torna importante, pois, através dele, o indivíduo passa a ter afeição por um ser ou objeto; embora os dois estejam meio ligados, é a partir da afetividade sendo trabalhada, que iremos ver o desenvolvimento cognitivo do educando.

Na segunda pergunta, indagamos como se trabalha o tema da afetividade nos alunos do ensino médio. A coordenadora respondeu que: “Ser resiliente de forma geral. A aplicação de feedbacks periódicos, procurar está sempre próximo e acompanhando a relação professor e aluno, para que ambos se sintam valorizados.”

A psicóloga enfatizou que:

Eu acho que o nosso papel do psicólogo dentro da escola na questão da afetividade é de suma importância. Em questão das atividades, eu não tenho nenhuma atividade específica para isso, mas entendo que afetividade está em nossa rotina, na prática mesmo. Quando um adolescente chega nervoso da prova e diz tia tirei nota baixa e eu digo calma não é assim, tentando acalma-ló. Então no cotidiano mesmo a afetividade ela vai aparecendo naquele momento, os adolescentes ficam muito angustiados e ansiosos e eu trabalho eles em momentos de conversas, trocamos uma ideia no momento que eu vou pra sala de aula, eu tento manter uma postura que eles vão sentir uma segurança e passar a se abrir pra mim, e dessa forma eles vão se sentir confiantes e teremos essa troca afetiva.

O professor deu um ponto de vista diferente dos entrevistados anteriores:

Ao meu ver é difícil. Porque nós não somos preparados nas faculdades, os cursos eles estão muito defasados, a não ser que o professor faça uma pós e se especialize no assunto. Mas no geral eu penso que o professor ele não é preparado a não ser que ele tenha algum auto-preparo, pois não tem nem curso de formação relacionado e aplicado a nós professores, desde que ingressei no campo vejo algumas poucas mudanças quando o assunto se coloca na sala de aula não tem como aplicar pois 1º tem que ser aplicado o conteúdo.

Os entrevistados tiveram pontos de vistas semelhantes, a coordenadora realiza feedbacks nos alunos, trabalhando a afetividade desde a portaria até a sala de aula e a psicóloga retrata que não tem nenhuma atividade que possa trabalhar com eles em questão da afetividade. Logo, na prática trabalha a emoção e os sentimentos através de momentos de conversas, passando sempre uma segurança e fazendo com que eles sintam confiança. No ponto de vista do professor, trabalhar o tema afetividade no ambiente escolar se torna difícil, porque coloca-se em primeiro lugar o conteúdo, deixando o lado afetivo para último caso.

Para a coordenadora e para a psicóloga devem estimular estratégias afluentes e de socialização com o objetivo de estimular a comunicação afluyente entre alunos e professores. A postura atenta do professor gera experiências positivas, resultando em uma relação positiva entre os alunos e o professor. Quando acompanha cada um dos alunos às suas necessidades, demonstra o valor do trabalho realizado.

Segundo Bosi (2001), com um simples olhar, o gesto afetivo consegue identificar as dificuldades, angústias enfrentadas pelo aluno. Um olhar que colabore com a melhoria e mudança da criança, saber ouvir e se colocar no lugar do outro.

Constatamos que os gestores percebem a importância da afetividade e, através disso, elaboram estratégias para conquistar cada vez mais a confiança da criança e assim favorecer a aprendizagem.

Na terceira pergunta, questionamos quais os problemas desenvolvidos nos alunos pela falta de afetividade dentro de sala de aula ou na sociedade. A coordenadora comentou:

Com certeza, porque a afetividade dentro da escola é crucial, na família prepara o cidadão para a sociedade. Tem que haver esta afetividade, essa segurança. Eles tem que sentir esses momentos na escola para que ele cresça com responsabilidade, com sabedoria e respeito perante ao próximo. Os alunos daqui terminam o ensino médio com saudade da escola, daquele momento que ele tinha aquele acolhimento, onde a gente se preocupava com ele, pois o aprendizado é fundamental para a escola.

Já a psicóloga apontou:

Quando falta afetividade vamos encontrar adolescentes agressivos, ansiosos e angustiados, que irão tentar suprir essa ausência do carinho, do afeto, de outras formas que não são tão legais. Muitas vezes eles tentam descontar no corpo, essa dor psicológica, essa falta, então vamos encontrar adolescente muito angustiados principalmente por causa dessa falta de afetividade em sua rotina principalmente no ensino médio.

O professor afirmou que:

Vários, principalmente a insegurança porque estão indo para a fase adulta. Os problemas eles passam a ser mal interpretados sendo muitas vezes rotulados como indisciplina. E sabemos que não é só a indisciplina e que na verdade está escondendo os problemas pessoais (familiares) e até mesmo algum tipo de transtorno, por exemplo, há uns 15 anos atrás não existia nenhum tipo de abordagem do transtorno ou ao problema que o aluno estava passando fora e dentro do ambiente escolar. Atualmente vimos uma melhoria em relação a isso porém não há um aprofundamento para melhor entendimento e como lidar. Finalizando sempre como indisciplina, mas nós sentimos que esse tipo de indisciplina vem de outros aspectos de outros ambientes que o aluno convive.

É Notório que quanto menos a afetividade for trabalhada, mais os adolescentes poderão se tornar mais agressivos, ansiosos e angustiados, podendo ter dificuldades

de socialização e de insegurança, trazendo prejuízos em seu aprendizado e em sua formação pessoal. No ensino médio, os alunos estão numa fase de compartilhar com alguém as emoções e os sentimentos e quando não compartilhados poderá ocasionar várias frustrações. Wallon, foi quem se aprofundou no assunto da afetividade: A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. (WALLON, 2007, p. 73).

Na quarta pergunta, questionamos quais os benefícios que a afetividade traz ao aluno no ensino médio. A coordenadora salientou de forma clara e objetiva que: “Os benefícios são inúmeros, principalmente no rendimento escolar dos educandos, eles terminam sendo mais humanizados e tolerantes.”

Já a psicóloga afirmou:

Os benefícios são inúmeros porque afetividade vai desde a infância até o ensino médio e a até a vida adulta. O desenvolvimento integral deste aluno como a questão da autonomia, consegue lidar com as questões dele, confiar em alguém, um adulto que ele sinta confiança que possa passar uma orientação bacana pra ele onde ele possa tirar suas dúvidas e as suas angústias.

O professor antes de dar a resposta deu um leve sorriso e falou que:

Pode trazer um maior engajamento. Se é uma aula de que o professor de alguma maneira consegue estabelecer essa afetividade transformando essas salas de aula em um ambiente mais agradável eu acho que é uma tendência que o aluno ele vai se atrair, gostar mais dessa matéria. Então vai ser um lugar mais harmonioso. A experiência da aula ela tem que ser agradável para o professor principalmente para o aluno, se ambos não gostar será considerado uma tortura além de dar gerar nenhum tipo de rendimento no ensino.

Na pergunta feita as três pessoas, podemos notar que a coordenadora estava muito mais empolgada respondendo com muita alegria em cada detalhe das palavras, ficando nítido que o contato que ela tinha com os alunos era pouco, sendo apenas na entrada e na saída da escola. Logo, a resposta da psicóloga nos passou um sentimento de preocupação maior a respeito do tema abordado, pois essa preocupação parte por conta do psíquico da pessoa, como ela está e como o corpo

dela vai reagir se não tiver essa afetividade. O professor já nos passou uma preocupação sobre de como manter ali aquele ambiente agradável para que haja um engajamento do aluno e ambos terão resultados significativos na sala de aula e no que diz respeito ao aprendizado.

Todos os entrevistados nessa pergunta mostrou inúmeros benefícios ocasionado pela afetividade não só em sala de aula mais no contexto escolar de forma geral. Dessa forma, Wallon (2011 *apud* DIAS, 2013, p. 25) afirma que “a afetividade é uma ferramenta valiosa para a educação, na qual o aluno se beneficia não só do desenvolvimento intelectual, mas da pessoa como um todo, porque há nela um crescimento em todos os níveis”. Finalizando nosso questionário perguntamos se no ambiente que é considerado afetuoso se eles acreditam que os alunos possam se sentir estimulado e o pôrque.

A coordenadora alegou que: “Sim, tudo que é elogiado e estimulado gera aspectos positivos que levam ao longo da vida.”

Sendo que psicóloga trouxe mais embasamento a essa resposta:

Sim, a afetividade ela é indispensável na vida do ser humano a gente precisa da afetividade pra se sentir seguro. Tem alguns estudos da Neurociência que diz que a criança está num ambiente que ela se sinta estimulada ,ela consegue explorar o ambiente com mais exatidão. Desde que seja feito na dosagem certa.

O professor salientou que:

No meu ponto de vista, eu acho que ele vai se sentir estimulado, porque ele vai se sentir valorizado, vai perceber que alguém se importa com ele que ele não é apenas um número. Isso é importante ele vai se sentir que o professor está preocupado, não só porque ele está a cadeira está fora do canto, mas aprenda que aquilo é importante. O educador que se preocupa com um aluno com humanização vai sentir é estimulante e melhora sua altoestima de ambas as partes deixando a sala de aula mais atrativa e proporcionando um aprendizado de excelência.

Podemos observar com clareza que os três profissionais tem uma certa preocupação no que diz respeito a esse tema abordado, pois quando o aluno não está bem relacionado com os profissionais e se não existir aquele ambiente aconchegante em que ele se sinta até amado e aceito, não haverá de maneira alguma um resultado satisfatório na vida do aluno seja no aprendizado escolar ou na vida como ser humano.

O professor é uma peça fundamental e deve trabalhar de forma carinhosa, transmitindo ao aluno um ambiente seguro e acolhedor. No ponto de vista do professor, para um processo de ensino e aprendizagem de boa qualidade, o docente deve ter um olhar amplo para o seu educando. Dessa forma, Leite e Tassoni (2006, p.15) nos afirma que: “a natureza da experiência afetiva (se prazerosa ou aversiva), nos seus extremos depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação com o objeto”. (LEITE; TASSONI, 2006, p.15).

Isso nos faz perceber que afetividade é uma via de mão dupla, um dar e receber para ambas as partes, trazendo uma variedade de características positivas a instituição de ensino.

5 CONCLUSÃO

Ressalta-se que o objetivo da pesquisa é estabelecer uma compreensão da afetividade e da relação com a aprendizagem na prática pedagógica. A afetividade em si é um conjunto de comportamentos constituído por emoções, afetos, já na prática pedagógica, onde existe uma ligação entre o professor e o aluno essa relação não se limita ao conteúdo, o professor trespasa a olhar mais de perto, buscar compreender o adolescente por meio de suas manifestações, estabelecendo vínculos afetivos, para que a criança se sinta protegida e confiante no ambiente escolar, sendo assim mais propícia ao aprendizado.

Levando-se em consideração os aspectos apresentados nesta pesquisa, a afetividade é de extrema importância nas relações, pois ajuda no desenvolvimento e garante ao aluno um ensino de qualidade. Nesse contexto, a presença do professor ajuda no aprendizado, estimulando e colaborando para que, através das experiências em sala de aula, construa-se o conhecimento.

Com isso, observou-se que, quando o professor utiliza da afetividade torna a sala de aula mais interessante e proporciona a aproximação entre eles deixando a sala mais atraente. Como reflexo das próprias atitudes, além do conhecimento que pode ser adquirido em sala através dos benefícios da afetividade, a criança levará, para toda a vida, a lembrança de uma professora afetiva, e sempre se lembrará dela com carinho. A afetividade, portanto, está ligada diretamente às práticas do professor, porém o professor precisa ter amor pelo que faz além gestão emocional, e seu objetivo deve ser um mediador no processo de evolução dos seus educandos, o que algumas

vezes é deixado de lado por profissionais que consideram o afeto um obstáculo nas suas práticas pedagógicas.

Portanto, podemos considerar como alcançados os objetivos, porque compreendemos a importância de ter uma prática pedagógica afetiva, pois assim os alunos do ensino médio se sentirão à vontade para aprender, dentre outros aspectos do desenvolvimento, e o professor se utilizará de estratégias em suas aulas, desde o ambiente em que a educando se encontra até a sua metodologia, tendo o aluno como um ser individual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. R. de; MAHONEY, A. A. (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: Contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

AMENDOEIRA, J. A formação em enfermagem. Que conhecimentos? Que contextos?. Um estudo etnosociológico. **Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. Universidade Nova. Mimeografia (não publicada), 1999.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017

BROLEZZI, A. C. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **Encontro: Revista de Psicologia**. São Paulo, ano 17 - n. 27 - 2014.

BOSI, R. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

CHALITA, G. **Educação**. A solução está no afeto. 6 ed. São Paulo: Gente, 2001.

DIAS, L. I. **Afetividade no Ensino Médio: A percepção de professores e alunos**. 2013. 25f. Monografia (Especialização em Coordenação Pedagógica) – Universidade de Brasília. Brasília 2013.

KIECKHOEFEL, J. C. As relações afetivas entre professor e aluno. **Educere: Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, v. 3, p. 2534-2543. Novembro, 2011.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições do ensino e a mediação do professor. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>. Acesso em: Maio de 2022.

NATEL, M. C.; LINO, R. M.; SIGULEM, D. A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, ano 30 - n. 92 - 2013.

PIAGET, J. **A construção real da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PONTES, L. **A empatia no processo de ensinar e aprender. Um estudo com professores do curso de graduação em enfermagem de uma Universidade Pública**. Programa de pós-graduação em educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Cuiabá, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de, **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2 ed. Rio Grande do Sul: Feevale, 2013.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. **Revista Estudo de Psicologia**. Campinas, ano 27 – n. 3 – jul/set. 2010.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade & Inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SANTOS, O. J. X. dos; BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem e aprender a aprender: concepções e conhecimento de professores. **Psicologia: Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 31, n. 2, p. 284-295, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200007>>. Acesso em: 4 Abril 2022.

SCHAEFER, G. S. J. Afetividade entre professor e aluno no processo ensino-aprendizagem. **Revista Eventos Pedagógicos**. Mato Grosso, ano 6 – n. 2 – jun/jul. 2015, p. 142-151.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D. O ato de aprender e o sujeito que aprende. **Construção Psicopedagógica**. São Paulo, ano 18 - n. 16, p.112-128. Junho, 2010.

SIMMONS, L. K. Ensino Online Baseado em Discussão para Melhorar a Aprendizagem do Aluno: Teoria, Prática e Avaliação – Tisha Bender. **Ensinando Teologia e Religião**. v.9, n.3, p.194-195, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9647.2006.00283_8.x> Acesso em: 5 Abril 2022.

SOUZA, F. V. da C.; CARON, D.; SOUZA, C. R. M. Ensinar é uma arte. **Cadernos da Fucamp**. Minas Gerais, v.15, n.22, p.91-99. 2016.

TUNES, E.; TACCA, M. C. V. R.; BARTHOLO, R. dos S. J. O professor e o ato de ensinar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 689-698, set./dez. 2005. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/454>. Acesso em: 5 Abril 2022.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 10/10/2022
Aprovado em: 14/12/2022